

NO BALANÇO DE OXUM E IANSÃ: MULHERES QUE AMAM MULHERES

Josiane Alves dos Santos (UNEB) ⁷⁰

Karina Lima Sales (UNEB) ⁷¹

RESUMO

A literatura contemporânea tem apresentado pluralidade e multiplicidade de vozes, fazendo com que o espaço, outrora ocupado por um perfil hegemônico, seja contestado e questionado. Avançando neste esforço de contra maré, as produções atuais nos apresentam diversidade de corpos, memórias, afetos e amores. Este estudo é composto pela seleção de três contos que seguem respectivamente a mesma ordem de análise: “No balanço do teu mar” e “Mameto”, presentes no livro *Um Exu em Nova York*, de Cidinha da Silva, e “Isaltina Campo Belo”, que compõe a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. Objetivou dar destaque a essas narrativas, além de analisá-las como um marco na escrita literária contemporânea que privilegia o amor entre mulheres. Buscou ancorar esses amores a uma herança ancestral de Oxum e Iansã, a fim de legitimar corpos dissidentes da diáspora. Teceu argumentações a partir da poeta e teórica Tatiana Nascimento (2019), bem como, apoiou-se nas argumentações da também teórica e poeta estadunidense Audre Lorde (2019), utilizou a teórica Grada Kilomba a fim de tratar sobre colonialidade. O estudo dos contos demonstrou a sensibilidade das autoras em tratar de outras possibilidades de amores, incluindo os corpos dissidentes negros, utilizando da linguagem literária para descolonizar a heterocisnormatividade impregnada na sociedade.

Palavras-chave:

Homossexualidade negra. Lésbicas na literatura. Literatura de autoria negra.

ABSTRACT

Contemporary literature has presented plurality and multiplicity of voices, causing the space, once occupied by a hegemonic profile, to be challenged and questioned. Advancing in this counter-tide effort, current productions present us with diversity of bodies, memories, affections

⁷⁰ Graduanda do Curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas, turma 2016.2 da Universidade do Estado da Bahia – UNEB / Departamento de Educação, *Campus X* - Teixeira de Freitas - BA, integrante do Grupo de Estudos Tessituras Negras - UFPB. E-mail: josianealves.789.ja@gmail.com.

⁷¹ Doutora em Letras: Estudos Literários pela UFMG. Professora Assistente no Curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus X*. E-mail: kalisalima@hotmail.com.

and loves. This study was interested in discussing some stories that deal with the relationship between women in the book *Um Exu em Nova York* (2017) by the writer Cidinha da Silva, and the short story “Isaltina Campo Belo”, by Conceição Evaristo, from the book *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016). It aimed to highlight these narratives, in addition to analyzing them as a milestone in contemporary literary writing that privileges love between women. He sought to anchor these loves to an ancestral heritage of Oxum and Iansã, in order to legitimize dissident bodies from the diaspora. He made arguments from the poet and theorist Tatiana Nascimento (2019), as well as, based on the arguments of the also theoretical and American poet Audre Lorde (2019), he used the theoretical Grada Kilomba in order to deal with coloniality. The study of short stories demonstrated the authors' sensitivity in dealing with other possibilities of love, including black dissident bodies, using literary language to decolonize the heterocynormativity impregnated in society.

Keywords:

Black homosexuality. Lesbians in literature. Black authorship literature.

A voz funda do rio

Quando ela diz meu nome
em tom grave, quando ri forte e
divertida, há uma força telúrica que
escapa do lago e faz redemoinhos insondáveis.

Quando ela diz venha, é sopra
de vida, fogueiro de alegria para
meu coração que quer tanto segui-la.

Quando ela diz tô com saudade
de tu, me derreto como manteiga
ao sol. Assim mesmo, com gosto do
que se come, do que se degusta.

Eu deixo de ser oblíqua e me
torno pronome-sujeito na língua da
mulher que me ama.

(SILVA, 2016, p. 95-96)

1 Introdução

A literatura contemporânea manifesta uma diversidade de produções que a partir do seu próprio *lôcus* apresenta a insurgência de outras existências. Um destaque deste cenário é a escritora mineira Cidinha da Silva, editora da Kuanza Produções, com diversos títulos publicados em uma gama de gêneros literários: conto, crônica, ensaio, infanto-juvenil etc. Um dos seus recentes títulos – objeto de estudo deste artigo – *Um Exu em Nova York* (2018), ganhou no ano de 2019 o Prêmio da Biblioteca Nacional na categoria contos. Assim como nas outras obras, a literatura de Cidinha é composta de uma estética que bebe das africanidades e suas religiosidades, cria a partir dessa interconexão afrodiaspórica, materializando uma literatura notoriamente ancestral e contemporânea. A partir de um cunho político, a autora estabelece em suas produções duras críticas ao sistema racista instalado em nossa sociedade, às mortes prematuras de jovens negros e às desigualdades sociais, de raça e de gênero.

Um Exu em Nova York é composto de dezenove contos-crônicas, em que o leitor se percebe em uma encruzilhada, que desanda em Nova York, e perpassa por terreiros, ruas, esquinas e lugares outros. As personagens parecem apresentar uma interconexão entre si, aspecto perceptível da estética literária da autora, até mesmo pela conexão com o título do livro, reverenciando o orixá andarilho, dos caminhos, da comunicação e mensageiro. As narrativas nos convidam a peregrinar, a fim de nos deslocar, para nos encontrarmos com a nossa ancestralidade africana. Assim como a divindade Exu, a obra é composta de uma pluralidade de memórias, de povos, histórias e caminhos, que a partir das narrativas nos possibilitam *exuzi-lharmos*, e pensarmos outros caminhos para reivindicarmos nossas memórias.

Conceição Evaristo é também escritora mineira, tendo desde os *Cadernos Negros* (1978) escrito e publicado, ao longo desses anos, textos que atravessam os gêneros literários da poesia, ficção e ensaístico. Nos últimos dez anos, nos presenteou com sete títulos, em que percebemos uma literatura que costura memórias, criando um extenso recurso literário da população negra, por meio de relatos e de histórias que atravessam a realidade, mas também aliadas à poeticidade única de Evaristo que imprime em sua literatura os rostos esquecidos do cânone. Ademais, a espiritualidade e a religiosidade de matriz africana presentes em sua estética literária revelam uma inclinação

sensível a outras leituras de mundo.

A obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) de Conceição Evaristo é um livro composto de treze contos, intitulados com os nomes das personagens principais dos textos. A partir de uma narradora ouvinte conta-se a vida das personagens, mulheres negras, costurando ao longo das tramas memórias esquecidas, mas vivas nas lembranças de um povo. Ao longo dos textos, as personagens ganham vida por meio de uma narração detalhada de traços, jeitos, olhares e sons. Conceição desenha rostos familiares que nos parecem conhecidos, com os quais nos encontramos. E, a partir de cada conto, esses rostos se encaixam em nossa memória.

Este estudo é composto pela seleção de três contos que seguem respectivamente a mesma ordem de análise: “No balanço do teu mar” e “Mameto”, presentes no livro *Um Exu em Nova York*, de Cidinha da Silva, e “Isaltina Campo Belo”, que compõe a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. Inicialmente apresentaremos os contos e as leituras de análises realizadas, apropriando-nos de fragmentos do texto a fim de associar os relacionamentos entre mulheres presentes nas narrativas com o *itan*⁷² *Oxum seduz Iansã* (PRANDI, 2000).

Esse diálogo tem interesse em reverenciar esses relacionamentos dissidentes como herança ancestral. Fundamentamos o estudo em Kilomba (2019) e Nascimento (2019) discutindo como as marcas da colonialidade⁷³ imprimiram nos povos das américas um modelo heterocisnormativo⁷⁴ de ser, excluindo quaisquer outras possibilidades de existir no mundo. Por fim, sob os estudos de Lorde (2019), abordamos alguns exemplos de proximidade entre mulheres no continente africano e com Kilomba (2019) refletimos sobre

⁷² *Itan* (nome singular e plural) é o termo em iorubá para o conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros componentes culturais dos iorubás. Os iorubás que aceitam o *itan* como facto histórico é porque confiam no *itan* como sendo a verdade absoluta na resolução de disputas. Os *itan* são passados oralmente de geração a geração. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Itan>. Acesso em 10 de setembro de 2020.

⁷³ Entende-se, aqui, colonialidade enquanto experiência traumática, *ferida* que torna o *sujeito negro* a representação mental daquilo que o *sujeito branco* não quer se parecer. Dessa maneira, é como se o projeto colonial europeu moldasse o inconsciente coletivo das pessoas negras para alienação, decepção e trauma psíquico (KILOMBA, 2019).

⁷⁴ Heterocisnormatividade é o conceito utilizado para discutir os padrões pré-estabelecidos enquanto norma na sociedade, de que as pessoas se orientam apenas/exclusivamente pelo gênero/sexo oposto, e também o entendimento de gênero em consonância com o sexo biológico (Nota das autoras).

Gênero, sexualidade e identidades

a importância da escrita e da linguagem literária para ressignificar (re)existências da negritude dissidente. As seções estão nomeadas com fragmentos dos contos que estão sendo analisados.

2 enquanto não aprendo a criar melodia para te fazer canção

No conto “No balanço do teu mar”, o amor protagonizado por duas mulheres é de uma sutileza e de uma leveza encantadoras. O conto se estabelece a partir da ótica da personagem-narradora, que tece a partir de algo que poderia ser, caso a sua amada estivesse presente nas festas de largo.⁷⁵ A presença desse amor é visualizada a partir do imaginário cheio de saudade da narradora, caminhando ao longo do trajeto, assim como na ritualidade da festa. É a partir da narrativa que o amor ausente se contorna, como podemos observar no trecho a seguir:

seu cabelo e altura são os pontos de referência para te encontrar na multidão. Os detalhes do teu rosto, o conjunto beleza-melanina-tonicidade de teus braços tão ímpares, não pensaria encontrar em outra mulher (SILVA, 2017, p.33).

A presença do vazio deixado por esse amor é sentida por essa narradora, que compartilha os momentos ímpares que poderiam acontecer. Esse amor é convocado e se faz presente na imaginação do querer: “Imagino o que tu dirias”, “apontaríamos”, “concluiríamos”, e é pela ausência da amada, conhecedora dos jeitos e das vontades da narradora, que o conto se estrutura.

E você, conhecedora de meus estratagemas, pegaria meu rosto e sorriria, calada, imersa nesse infinito seu que me acalma. Antes que eu baixasse o rosto à procura do seu ombro, você me daria um beijinho furtivo. Nossas bocas protegidas por suas mãos, as mais poderosas do mundo. E se eu morresse naquele momento, de morte morrida, por suposto, seria a morte doce da pessoa mais feliz do universo (SILVA, 2018, p. 35).

É a partir deste cenário que a autora constrói um conto híbrido, já que se assemelha a uma crônica, haja vista a presença de linguagem simples, objetiva e o texto curto, além de tratar de uma abordagem de um recorte

⁷⁵ Festas comuns do mês de dezembro em Salvador - BA, em que acontecem manifestações populares religiosas (Nota das autoras).

cotidiano, pois na cena temos o relato de uma festa religiosa popular em Salvador. Ao mesmo tempo, o conto apresenta uma poeticidade tão única para falar do amor entre duas mulheres, narrativa de desenrolar solto e com poucas personagens. No desfecho do conto-crônica, as orixás femininas, Oxum e Iansã, são convidadas a abençoar esse amor ancestral. *Òsun*, orixá da pertença às águas doces, é vaidosa e conquistadora, possui relação com as pedras preciosas e o ouro e é conhecida por sua sensibilidade. Iansã, como também é conhecida a divindade de Oyá, é a senhora das tempestades, uma guerreira própria da força dos ventos e do poder da natureza. Sobre as divindades, a autora diz:

E quando vou às festas, continuo te buscando no tapete vermelho de Iansã, essa senhora generosa e altiva. No tapete amarelo de Oxum, nossa mãe que me deu ao mundo para te amar e te dar apoio para que teu propósito maior não te roube de ti mesma. Nas esquinas de nossa menina, exuzilhamentos que nos atravessam e testam (SILVA, 2018, p. 35).

Outro apontamento interessante é que a narradora apresenta com criticidade situações que aparentemente sofreram mudanças, a fim de pontuar uma ruptura da normalidade. Como por exemplo, uma mulher de *Asê* da sua predileção que canta um “Salve Rainha” para promover a paz entre as religiões; um padre que interrompia a missa de Santa Bárbara para instigar os fiéis a compartilhar o culto que estava sendo transmitido ao vivo a outros, pelas redes sociais. De maneira que, à medida que esses rituais tradicionais da festa vão deixando de ser o que eram, sofrendo rupturas, também o romance se rompeu e o “espírito em festa” da amada não está presente, assim como a tradição.

O lance entre as personagens parece ter acabado há algum tempo, uma vez que a narradora receosa a procura na multidão, e pensa sobre a possibilidade dos cabelos dela já estarem grisalhos. Esse romance ainda provoca forte impacto na narradora de coração de água, que usa a ironia e a crueza como disfarce para as saudades sentidas, ao se ver sem a companhia sensata de sua amada que não está ali para interceder pelo menino grande que queria comer caruru; ou para demonstrar empatia pela conhecida solitária, ou para consolar quando a narradora se emociona com a senhora de vida simples e fervorosa em Santa Bárbara. Assim, joga “paciência com o tempo” e

continua a procurá-la nas festas de largo, enquanto não aprende a “criar melodia para lhe fazer canção”.

3 a flecha acertou o coração da caça

No conto “Mameto” deparamo-nos com uma história sobre uma mãe de santo sapatão, de um terreiro conhecido por ter muitas mulheres de axé lésbicas. Há um tempo sozinha, apesar dos seus relacionamentos anteriores serem de conhecimento do terreiro, ninguém se metia em sua solidão, dada a sua pose de autoridade. Aspectos da personalidade da divindade de Oxum são usados na construção da personagem “se alguém conseguisse chegar à outra margem daquele rio silencioso que era seu interior, atravessaria um caminho de pedras lisas e conchas pontudas difícil de firmar o pé” (SILVA, 2018, p. 51).

Mameto é descrita como sendo uma mulher consumida pelo desejo de amar, assemelhando-a à orixá conquistadora das águas doces. Mas esse coração foi flechado pela namorada de uma de suas filhas de santo. O conto diz que depois de muita resistência “a flecha acertou o coração da caça e escancarou a face abissal da paixão” (SILVA, 2018, p. 52). E apesar do burburinho causado no terreiro, a mãe de santo se via feliz, dançando e cantando no salão com a nova paixão. As divindades de Iansã e Oxum são lembradas no desfecho do conto. Quando se junta com sua amada, Mameto sorri encantada e com isso “o céu ruborizou um abóbora iansânico no entardecer dos dias frios. Oxum ria um riso de menina arteira” (SILVA, 2018, p. 52).

Mas no desfecho do conto, a partir do riso arteiro de Oxum e da postura sábia e cética de Exu, que não se iludia, registra-se: “o trabalho apenas começava” (SILVA, 2018, p. 52). Essa flechada final dá a entender que este romance não passava de mais uma das muitas conquistas de Mameto. Como um ritual, a mãe de santo que evidencia ser uma filha de Oxum, com a qualidade da conquista, está sempre neste ciclo, em que algo termina para recomeçar. Esse aspecto está evidente desde o início do conto, quando se afirma que Mameto “roçava à vera e não escondia de ninguém [...]. Os filhos chamam a companheira de tia ou até mesmo de mãe. Elas dormem juntas em cama de casal e com a porta do quarto bem fechada. E ninguém fala no assunto” (SILVA, 2018, p. 51).

Assim, início e fim da narrativa se interligam ciclicamente, reforçando a ideia de que a personagem entra em um relacionamento para posteriormente rompê-lo e passar um tempo na sombra, até que seja novamente uma mulher consumida pelo desejo de amar, para logo depois se encontrar em uma nova paixão, quando a flecha mais uma vez acerta o coração de outra caça.

4 um chamamento à vida

O conto “Isaltina Campo Belo”, de Conceição Evaristo, é o sexto conto de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016). Como nos outros contos do livro, uma personagem narra sua história a uma atenta ouvinte que se coloca como a narradora de todas as tramas colhidas. Campo Belo conta que desde a infância se sentia diferente, uma angústia já acompanhava a personagem,

Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino (EVARISTO, 2016, p. 50).

Em sua percepção, todos estavam cometendo um grande erro. Campo Belo antes mesmo dos seus cinco anos já havia descoberto que era um menino no corpo de uma menina e esperava que os adultos também percebessem. Aos seis anos teve que ir ao hospital para uma cirurgia de emergência de apendicite e, apesar da dor, sua esperança era que o médico, ao examiná-la, “iria descobrir quem era eu, lá por debaixo de mim, e contaria para todos. Então, o menino que eu carregava, e que ninguém via, poderia soltar as suas asas e voar feliz” (EVARISTO, 2016, p. 51). Mas isso não aconteceu e a personagem relata que a fala do médico de que ela era uma “menina muito corajosa” doeu mais do que a dor de apêndice.

A personagem cresceu alimentando um sentimento de amor e ódio por sua mãe. Por ser enfermeira, esperava que a ajudasse em sua descoberta, o que não ocorreu. A personagem conta que os assuntos sobre menstruação e sexo eram algo de segredo entre as mulheres adultas, somente com a chegada da menstruação da irmã e posteriormente a sua ocorreu uma ligeira

Gênero, sexualidade e identidades

explicação sobre o assunto. E foi sozinha que procurou informações sobre o corpo da mulher e do homem e sobre sexo. Este contexto familiar tão castrador e prenhe de silenciamentos sobre sexualidade, em que imperava a ausência de conversas abertas sobre sexualidade na infância, corrobora para a perpetuação de estereótipos sobre gênero, e pelo apagamento da real atração sexual-afetiva dos filhos.

Isaltina afirma que, enquanto contemplava o seu corpo, o que a confundia era “o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam. [...]. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. [...] imaginava doces meninas sempre ao meu lado” (EVARISTO, 2016, p. 62). Presa na ilusão da heteronormatividade, fruto da colonialidade, reforçada pela cultura ocidental e abençoada pelo cristianismo, Campo Belo se sentia fora do ninho ao ver casais sendo formados por homens e mulheres. De maneira que em algum momento se sentiu pressionada e assumiu um relacionamento com um rapaz que inicialmente se apresentava como um jovem educado.

Com o desenrolar do namoro, apesar das explicações da personagem sobre se sentir um menino, o rapaz insistia e afirmava que “tinha certeza de meu fogo, afinal, eu era uma mulher negra” (EVARISTO, 2016, p. 64). A fala do rapaz é um dos reflexos construídos pela colonialidade que reforça o estereótipo do corpo sexualizado da mulher negra:

Historicamente, mulheres negras têm tido essa função de serem corpos sexualizados e reprodutores de trabalhadores (Collins, 2000; hooks, 1981; 1992); isto é, tem a função tanto de amantes como de mães. Durante a escravização, as mulheres negras foram sexualmente exploradas para criar filhas/os (KILOMBA, 2019, p. 141).

Ou seja, o corpo das mulheres negras foi/é representado socialmente de forma depreciativa, desde a mucama, mulata, doméstica e a mãe preta (GONZALEZ, 1984). No aniversário desse rapaz, Campo Belo foi vítima de um estupro coletivo cometido por homens intencionados a ensinarem-na “a ser mulher”. Essa violência é chamada de forma pejorativa em nossa sociedade de “estupro corretivo”, infelizmente percebida na realidade de muitas mulheres que não se orientam pela heterocisnormatividade. Como consequência deste estupro, a personagem ficou grávida, e sua filha nasceu, Walquíria.

É no desfecho do conto, quando Campo Belo conhece a professora de sua filha, que se reconhece, como podemos observar no trecho:

Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam um homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam (EVARISTO, 2016, p. 66-67).

E é com Miríades que a personagem ganha o seu “chamamento à vida”, se oferece e recebe a outra como dádiva. A amada chegou quando bons ventos da bonança sopraram o que nos faz pensar na qualidade de Oyá, orixá dos ventos, da tempestade e da transformação. Por fim, Campo Belo depois de viver dias felizes com Miríades e a sua filha, diz que hoje “Miríades brinca de esconde-esconde em alguma outra galáxia” (EVARISTO, 2016, p. 67) nos relembrando o sorriso arteiro de Oxum, se escondendo depois de uma conquista.

5 Oxum seduz Iansã

Entende-se aqui que o encontro do amor entre mulheres com as divindades de Oxum e de Iansã nos contos não são meras coincidências, mas uma celebração ancestral. No itan “Oxum seduz Iansã”, disponível em *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi (2000), conta-se que Oxum, ao ver Iansã, achou-a linda, atraente e elegante, passando então a desejá-la, até conquistá-la e Iansã se entregar. Mas Oxum logo seguiu para uma nova conquista, aspecto do mito que nos lembra Mameto, do conto de Cidinha da Silva, que também partiu para uma nova paixão. A narradora do conto de Cidinha da Silva foi dada ao mundo por Oxum para amar continuamente. No itan, a busca de Oxum por uma nova conquista despertou a ira de Oyá, com isso, Oxum teve que se esconder em um rio, vivendo lá até hoje.

A existência deste itan nos possibilita questionar a heterossexualização cisnormativa que os discursos da colonialidade tem imposto desde a diáspora, impactos que foram refletidos ficcionalmente na trajetória de vida da personagem Campo Belo. Como bem coloca a teórica e poeta Tatiana Nascimento:

Gênero, sexualidade e identidades

A negritude lgbtqi+ enfrenta estereótipos que taxam a homossexualidade/dissidências sexuais de “praga branca”, contaminando os viris povos negros “africanos” (o monolito África/Wakanda) pela via da colonização. Consequentemente, orientações sexuais, identidades de gênero, práticas de sexo-afeto que são, efetivamente, negramente ancestrais y documentadas por exemplo em mitos fundacionais (como os itans) são ditas embranquecimento/colonização (NASCIMENTO, 2019, p. 4-5).

Os estereótipos que são dados a um corpo negro (hétero, cis, viril, fértil e reprodutor) são normatizados, considerados próprios e corretos. Enquanto os corpos negros dissidentes são perseguidos e condenados a uma anulação existencial, física e simbólica. Dessa maneira, a teórica argumenta que os *itans cuir* são fundamentais para compreender a ancestralidade negra sexual-dissidente. No itan já citado, a relação de Oxum com as águas doces nasce do seu relacionamento com Oyá. É se escondendo dela e de sua ira que encontra no rio morada. Tatiana Nascimento diz “um de seus domínios simbólicos mais importantes, a pertença à água doce que simultaneamente a pertence, se deve a ter transado com Iansã” (NASCIMENTO, 2019, p. 6).

É imprescindível pensar o teor deste itan como um mito lésbico da ancestralidade negra. É necessário teorizar sobre possibilidades outras de existência que não as legitimadas pela colonialidade. A história da colonização é heterocisnormativa, dessa maneira é indispensável recriar outras narrativas anticoloniais para que

não morram as raízes nutrizas da assunção dessa ancestralidade das dissidências sexuais e/ou de gênero; para que tenhamos lastro histórico da diáspora negra; para nos livrar da mirada htcisnormativizante que a colonialidade impõe a nossas trajetórias/existências/simbologias pré-atlânticas, como tentativa de planificar e rasificar; mais fácil dominar narrativas, sexualidades, práticas, existências de sujeitos & de povos bem mais complexas, que escapam ao binarismo homem/mulher católico branco tido como parâmetro de sexualidade (NASCIMENTO, 2019, p. 10).

Fazer isso é requerer nas raízes que fundam a ancestralidade das dissidências sexuais e/ou de gênero um alicerce contra a heteronormatividade imposta pela colonialidade, a fim de nos rotular e dominar. Esse aspecto se interconecta com a chaga do racismo, tão cotidiano, que não pode ser lido sob a chave de um evento violento sofrido individualmente, mas sim como a soma de eventos violentos que revelam um padrão histórico de abuso racial marcado, inclusive, pelas memórias coletivas do trauma colonial, como

afirma a teórica e artista Grada Kilomba, que defende a discussão do trauma dentro do contexto do racismo, pois forças sociais e históricas influenciam na formação do trauma:

[...] os dolorosos efeitos do trauma mostram que as/os africanas/os do continente e da diáspora foram forçadas/os a lidar não apenas com traumas individuais e familiares dentro da cultura *branca* dominante, mas também como trauma histórico coletivo da escravização e do colonialismo reencenado e restabelecido no racismo cotidiano, através do qual nos tornamos, novamente, a/o “*Outra/o*” subordinado e exótico da branquitude (KILOMBA, 2019, p. 215).

Assim, a “mirada heterocisnormativizante” imposta pela colônialidade as nossas trajetórias/existências/simbologias também encontra lastro nessas memórias coletivas do trauma, dado que as dissidências sexuais e/ou de gênero são experiências ancestrais. Mas é preciso desconstruir essa mirada. A teórica e poeta estadunidense Audre Lorde em seu artigo “Para começo de conversa: alguns apontamentos sobre as barreiras entre as mulheres e o amor”, publicado originalmente em 1978, conta que na costa da África ocidental há doze tipos de casamento, dentre eles a um que se chama “dar a cabra ao bode” que possibilita a uma mulher se casar com outra mulher, que pode ou não ter filhos e, se os tiverem, eles farão parte da linha sucessória da primeira mulher. Diz:

Casamentos como esse são realizados por toda a África, em diversos lugares e entre povos distintos. É comum que as mulheres envolvidas sejam integrantes reconhecidas de suas comunidades, avaliadas não por sua sexualidade, mas pelos papéis que exercem (LORDE, 2019, p. 63).

Os relatos apresentados por Lorde, assim como o itan, demonstram que relacionamentos entre mulheres eram uma realidade em alguns povos do continente africano, que por conta da diáspora forçada e da colonialidade foram se diluindo enquanto experiência comum entre as comunidades tradicionais.

A autora ainda contextualiza as relações estabelecidas entre as coesposas africanas, mesmo em um contexto intrincado e complexo. Como também as guerreiras amazonas do antigo Daomé, que eram conhecidas como as mais importantes e ferozes guarda-costas do rei (LORDE, 2019). Os

Gênero, sexualidade e identidades

exemplos que Lorde apresenta são usados para demonstrar que mulheres negras sempre criaram vínculos de união e isso faz parte da nossa história. A autora traz também, na íntegra, o relato de Efik-Ibibio, uma mulher nigeriana de 92 anos que, em suas memórias, recorda seu amor por outra mulher:

Eu tinha uma amiga a quem revelava os meus segredos. Ela gostava muito de guardar segredos. Nós agíamos como marido e mulher. Éramos como carne e unha, e tanto o meu marido quanto o dela sabiam do nosso relacionamento. O povo do vilarejo nos apelidou de irmãs gêmeas. Quando eu me desentendia com o meu marido, era ela quem reestabelecia a paz. Eu mandava meus filhos irem trabalhar para ela frequentemente, como retribuição pela gentileza dela comigo. Meu marido teve a sorte de conseguir mais pedaços de terra do que o marido dela, e permitia que ela usasse parte do terreno, ainda que ela não fosse minha coesposa (ANDRESKI, 1970, p. 131 apud LORDE, 2019, p. 63).

A colonialidade foi/é responsável pelo apagamento de culturas e pela desumanização dos povos de África. Sistematizou corpos e amores/afetos como os ideais, leia-se o corpo branco heterocisnormativo, e, dessa forma, deslegitimou e inferiorizou os corpos negros dissidentes. Disseminou a partir da colonização modo único de se relacionar, excluindo todas as outras possibilidades do imaginário cultural e social, utilizando a igreja como meio para reprimir identidades e sexualidades, sob o pretexto do pecado.

Como ferramenta de manutenção do poder usada pela colonização, a linguagem ocupou um *status* voltado para subalternização, omissão e silenciamento. Mas, é também a partir dela que podemos ressignificar essa linguagem que operou tanto tempo contra nós, ao transformar os nossos silêncios em linguagem e ação, assumindo um papel vital transformador nesse processo. Audre Lorde pontua que para aqueles que escrevem é eminente esmiuçar a verdade da linguagem utilizada. É importante o compartilhamento das palavras que para nós são significativas (LORDE, 2019). E mais importante ainda é

a necessidade de ensinarmos a partir da vivência, de falarmos as verdades nas quais acreditamos e às quais conhecemos, para além daquilo que compreendemos. Porque somente assim podemos sobreviver, participando de um processo de vida criativo e contínuo, que é o crescimento (LORDE, 2019, p. 55).

Kilomba também entende a linguagem literária e as produções literárias como atos de resistência, de reconstrução de imagens identitárias da negritude ecoando de pessoas negras, desconstruindo estereótipos e reafirmando (re)existências, a fim de dismantelar a alienação causada pela colonialidade (KILOMBA, 2019). A teórica, a partir de considerações importante de bell hooks, diz que essas produções literárias, que muitas vezes são colocadas na margem, não devem ser vistas apenas

como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade. A margem se configura como um “espaço de abertura radical” (HOOKS, 1989, p.149) e criatividade, onde novos discursos críticos se dão. É aqui que as fronteiras opressivas estabelecidas por categorias como “raça”, gênero, sexualidade e dominação de classe são questionadas, desafiadas e desconstruídas (KILOMBA, 2019, p. 68).

Dessa forma, a construção literária que apresenta outras possibilidades de amores/afetos em suas narrativas demonstra romper com um modelo hegemônico de amor presente nas narrativas literárias e no imaginário social e possibilita a transformação de mundos alternativos contra hegemônicos. É preciso estarmos atentas/os que há ainda muitos silêncios a serem quebrados. A literatura contemporânea, apesar de abarcar possibilidades outras de amores/afetos, ainda deixa de lado muito da diversidade humana de ser e amar, como por exemplo, a quase nenhuma aparição de pessoas trans, travestis, não binárias, pansexuais etc.

O compromisso de quebrar esses silêncios é notório nos contos das autoras que compõem este estudo, Cidinha da Silva e Conceição Evaristo. Na literatura de ambas, percebemos personagens e enredos que celebram a diversidade de amores/afetos da negritude. Este engajamento é evidente na voz funda que vem do rio do poema de Cidinha da Silva e suave no poema de Kati Souto, poeta negra sapatão não binária:

**O poder de ver a beleza no que um dia pensei
ser maldito**

e eles dizem que eu já não posso ser o que sou e
o que

/me tornei

Gênero, sexualidade e identidades

e na verdade nunca havia sido tão bela
tão cor
e eles temiam: maldita! perversa! indigna!
e eu sorrindo digo: suave.
enquanto danço por mim mesma vejo a beleza do
que

/eles dizem
maldição
um giro. um eu esquecido. parte não de mim. um
pulo
correntes longas caem de minha cabeça e das
minhas

/mãos e dos
meus pés
leve. uma pirueta. suave. doce. lábios macios. um
olhar

/que me
perfura. um não erro
de se amar mulher
de ser mulher
um poder
não uma maldição
de se ter capacidade de ler tantas linhas de
decifrar

/enigmas
da mais bela poesia
autora: vida
e sorrindo eu digo: é suave.

(SOUTO, 2018, p. 19)

Assim, o maldito, a ideia colonial da heterocisnormatividade se torna bela no olhar do eu poético, ao se libertar desses padrões pré-estabelecidos. Suave, a linguagem literária permite que amores/afetos sejam descolonizados e (re)existam.

6 Considerações finais

O interesse desse estudo foi explorar a presença de relacionamentos entre mulheres negras nos contos, correlacionando-os com o itan de Oxum e

Iansã, a fim de legitimar este amor em suas raízes ancestrais, evidenciando, assim, essas narrativas que quebram silenciamentos e possibilitam discussões, desconstruções, além de tecer, a partir da literatura, possibilidades outras de existência.

Os contos de Cidinha da Silva abordam essa relação amorosa sem o peso da dor, do sofrimento de existir em uma sociedade culturalmente heterocisnormativa, apresenta esses encontros com poeticidade, reverenciando a poesia do ato, a sutileza do ser, a experiência como *tecnologia-ancestral afrofuturista*.⁷⁶ Em “Isaltina Campo Belo” Conceição Evaristo narra uma trajetória que poderia ser a de muitas mulheres não heterossexuais. Diz sobre a infância dolorosa de viver sabendo quem se é, mas pressionada/o socioculturalmente a não o ser. Perpassa pelas violências que o corpo dissidente pode vir a sofrer e sofre, seja pela invisibilidade do eu, causada pela heteronormatividade, ou pela violência máxima do estupro.

Cada uma a sua maneira, em seu fazer literário, evidenciou relações entre mulheres negras, reverenciando a herança ancestral do encontro amoroso de Oxum e Iansã registrado no itan. Ambas nos ofereceram narrativas de amor entre duas mulheres, ora densas e/ou tensas, ora fecundas de poeticidade, plasmadas com cores iansânicas e acompanhadas do sorriso arteiro conquistador de Oxum.

REFERÊNCIAS

- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.
- NASCIMENTO, Tatiana. *Cuírlombismo Literário*. São Paulo: Editora N-1

⁷⁶ Conceito utilizado em *Cuírlombismo literário* pela teórica Tatiana Nascimento (2019).

Gênero, sexualidade e identidades

edições, 2019.

SILVA, Cidinha da. *Um exu em Nova York*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

_____. *Canções de amor e denço*. São Paulo: Me Parió Revolução, 2016.

SOUTO, Kati. *escura.noite*. 2. ed. Brasília: Padê editorial, 2018.